

# OS ANDAIMES SUSPENSOS DO DISCURSO NOS ALICERCES DO REAL

Helson Flávio da SILVA SOBRINHO  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)  
helsonf@gmail.com

## 1. O discurso e o real sócio-histórico: coisas-a-saber

É inegável que a AD partiu do materialismo histórico. E foi desse lugar que teceu críticas às filosofias espontâneas da linguagem de caráter idealista, no entanto, é preciso enfatizar que a AD, em um ritmo cadenciado, vem tomando o discurso como objeto próprio de pesquisa e desvencilhando-o das suas bases histórico-concretas. Para alguns, isso é pouco notório, mas o próprio Pêcheux reconheceu que não escapamos dos riscos de cair no idealismo naqueles pontos onde “pensamos” ser materialistas. A nosso ver, a autonomia dada ao discurso (seja como materialidade da ideologia ou mesmo como objeto do conhecimento) parece expressar mais fortemente o *ponto cego* do materialismo da AD. Dar vida própria ao discurso, tratando-o como algo suspenso e que caminha por si mesmo, é, na contradição, minimizar os sujeitos que concretamente fazem sua história<sup>1</sup>. E essa questão é crucial, se não encarada com seriedade, pode obscurecer os possíveis enfrentamentos ao desumanizante sistema capitalista.

O caminho escolhido para conduzir a presente reflexão utilizará a metáfora da *aventura teórica do discurso*<sup>2</sup> que proporcionou ao filósofo Michel Pêcheux instituir uma teoria do discurso, de natureza não-subjetiva, no *entremeio* entre a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise. Nessa construção, para escapar do idealismo, o autor se apóia na tese materialista da dependência do

---

<sup>1</sup> Os princípios norteadores do presente artigo ratificam minha fala no último SEAD — onde foram questionadas as filiações teóricas da AD apontando avanços e recuos através do texto *Trilhar caminhos, seguir discursos: aonde isso poderá nos levar?* — e, também, configuram-se como um desdobramento das reflexões sobre o discurso realizadas em meu livro *Discurso, Velhice e Classes Sociais*, resultado da pesquisa de doutorado, onde pude compreender com mais clareza que o discurso está sempre imbricado com os interesses e posições de classes, logo, devem-se buscar os sujeitos históricos a partir dos seus discursos, mas, sobretudo nas suas relações concretas, onde os interesses em jogo atravessam e regem os ditos e os silenciamentos. Portanto, compreendi também que “a teoria do discurso não pode estar separada do real sócio-histórico; buscar o real para a AD deve ser, antes de tudo, ir à base das relações sociais acompanhando o processo de autoconstrução humana” (2007, p.26).

<sup>2</sup> Retomo as palavras de Malidier ao afirmar que “o pensamento de Michel Pêcheux é um pensamento forte. (...) Ele é bem o homem dos andaimes suspensos de que fala, desde 1966, Thomas Herbert, sua máscara para os *Cahiers de l'analyse*. Em uma obra multiforme, que tocou domínios tão diversos como a história das ciências, a filosofia, a informática, etc., escolhi fazer prosseguir a ‘aventura teórica’ do discurso. (...) O *discurso* me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó (...) É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito.” (*A inquietação do discurso*, p.15).

pensamento em relação ao real. Por isso, também utilizaremos a metáfora do discurso cujos *andaimas* estão apenas simuladamente *suspensos nos alicerces do real sócio-histórico* (atualmente esse real diz respeito à formação social capitalista).

Na sua aventura teórica, Pêcheux traz uma novidade quando reclama/pergunta pela história e problematiza ainda mais a linguagem, ao dizer que: “uma referência à História, a propósito das questões de Lingüística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se podem chamar as ‘práticas lingüísticas’” (*Semântica e Discurso*, p.24). Reconhecer esse pressuposto é atentar para o fato de que o real do discurso está justamente nas suas determinações histórico-sociais; são elas que sustentam seus andaimas e, por isso, em hipótese nenhuma deixam de sustentar os processos discursivos e os efeitos de sentidos. Pêcheux instaura possibilidades de leituras que, sem fugir da interpretação, consegue revelar que nenhuma interpretação cai do céu, pois toda interpretação tem sua gênese nas lutas sociais, nas atividades dos sujeitos, sendo assim, o movimento do discurso é um processo desigual e contraditório.

Levando em consideração a totalidade das obras de Pêcheux, percebemos que o texto *O Discurso: estrutura ou acontecimento?* é hoje o lugar de maior polêmica e contradições entre os analistas, por isso, é sempre um risco fazer referência a ele. No entanto, não poderíamos deixar de lembrar que toda descrição abre para interpretação; é pressupondo essa assertiva que enfatizamos existir nele também um ponto exato onde há uma abertura a uma leitura ontológica do discurso. Esse ponto é onde nosso autor fala de *coisas-a-saber* que pelo *fato de existirem* nos ameaçam a *felicidade*. Nesse sentido, Pêcheux (2002, p.34) parece não ficar muito distante de uma concepção ontológica do discurso, ao destacar que *há coisas e há interpretações* dessas coisas, quando diz:

“não é necessário ter uma intuição fenomenológica, uma pegada hermenêutica ou uma apreensão espontânea da essência do tifo para ser afetado por essa doença; é mesmo o contrário: há ‘coisas-a-saber’ (conhecimentos a gerir e a transmitir socialmente), isto é, descrições de situações, de sintomas e de atos (a efetuar ou evitar) associadas às ameaças multiformes de um real do qual ‘ninguém pode ignorar a lei’ — porque esse real é impiedoso”.

É evidente que essa leitura ousada do texto de Pêcheux pode gerar polêmica e ser alvo de interpretações *impiedosas*, mas diante de tantos impasses que vivenciamos cotidianamente urge

perguntar o que é o discurso e não apenas como ele funciona. E essa é uma pergunta ontológica. A resposta exige tocar no nervo da questão e volver o olhar sobre o discurso, buscando suas raízes, pois todo discurso tem seu alicerce, ou seja, uma base histórica que o sustenta e que dinamiza sua processualidade.

Chegamos assim a mais uma questão importante que Pêcheux colocou para a AD: a relação entre *ser* e *pensamento*. Do modo como expõe a teoria (buscando compreender o real do discurso) Pêcheux toca na questão da determinação do pensamento. É na conclusão do seu livro *Semântica e Discurso* que ele admite a tese materialista com toda clareza e firmeza: “tese 1: O real existe, necessariamente, independentemente do pensamento e fora dele, mas o pensamento depende, necessariamente, do real, isto é, não existe fora do real” (p. 255).

A determinação entre o *real* e o *pensamento* revela a determinação do discurso pelo real sócio-histórico. Portanto, é preciso insistir, o discurso não funda a sociabilidade. O discurso resulta das práticas dos homens em determinada sociedade e, dialeticamente, é trabalho sobre elas<sup>3</sup>. É das contradições sócio-históricas que brota a natureza conservadora e/ou transformadora de todo discurso. No caso da sociabilidade capitalista, suas contradições são fundadas na propriedade privada e na divisão social do trabalho, gerando antagonismos entre classes. E não adianta buscar explicações dessas contradições no discurso em si mesmo, no sistema lingüístico em suas falhas, ou mesmo, no inconsciente cujo real sempre escapa. Devido às relações dos sujeitos entre si e deles com a natureza serem estranhadas, também o discurso se apresenta estranhado aos próprios sujeitos. Se a interpelação ideológica, o chamado *efeito Münchhausen*, simula evidência para os sujeitos, ela também tem simulado evidência para nós, analistas de discurso, da existência todo poderosa de um objeto de conhecimento que caminha por si mesmo. Por isso, é preciso estar atento; só quando articulamos o dizer com suas condições de produção (as relações sociais historicamente

---

<sup>3</sup> “Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço”. (Pêcheux, *O discurso: estrutura ou acontecimento*, p.56).

determinadas) é que as contradições do discurso reaparecem e desvelam a verdadeira face de suas contradições (o seu real).

## **2. Nos entremeios do discurso, a dialética entre educação e sociedade: efeitos do/no real**

Para não deixar esta nossa reflexão parecer abstrata, podemos aprofundar analisando *slogans* de escolas particulares recrutando/interpelando alunos ou pais de alunos, mas, ao mesmo tempo, revelando os silenciamentos, os valores dominantes e contraditórios da sociedade.

**“O SEU FUTURO COMEÇA AQUI”  
“Seja um vencedor” “quem estuda no colégio (X) sempre se dá bem”<sup>4</sup>**

Testemunhamos nessa materialidade discursiva como as relações sociais afetam e orientam a intencionalidade dos processos educativos. A eficácia do discurso se realiza no seu aparecer ingênuo/evidente. Esses dizeres atuam sobre os sujeitos e acomodam as consciências (constituídas historicamente) que tomam a educação como pretexto para subir na vida. Afetada pelo mercado e cada vez mais privatizada, a educação na sociedade moderna interpela os sujeitos levando-os a crer na competição e no individualismo exacerbado como algo natural, pois, no íntimo, vencer e se dar bem é ser mais um burguês ou, ao menos, garantir um padrão de vida alicerçado no consumo.

Enquanto isso, o mundo continua sendo cada vez mais cruel. Por isso, é preciso trazer, para aprofundarmos a reflexão e buscarmos as contradições, uma cena muito “comum”/“evidente” no espaço urbano: crianças pedindo nos ônibus coletivos. Contudo, estas crianças vêm pedindo de um modo distinto; pedem por escrito em um recorte de papel semelhante a uma solicitação formal:

*“Por favor, me ajude com o que puder para que eu possa comprar um pacote de leite para meu irmão minha família está passando necessidades.  
Obrigado  
Pequena Mariza”*

Essa materialidade discursiva exige ser lida. Atribuímos sentidos a essa escrita movidos pela compaixão na identificação com o outro, mas também pela indiferença, por conta das paráfrases que naturalizam a crueldade de nossas relações sociais e, também, pelo medo de ler o incômodo e depararmos-nos com o escândalo da vida; no entanto, esse escândalo volta a acontecer diariamente

---

<sup>4</sup> O nome da escola foi ocultado, especialmente porque esse processo discursivo é bem mais amplo e não se trata de um caso restrito de uma escola em uma determinada cidade do Nordeste do Brasil.

nos ônibus, nas avenidas, nas ruas, nos sinais, nos restaurantes, nas escolas, nos lixões seguindo seu trajeto e exigindo muito mais que uma simples leitura. Esse acontecimento pede/exige/impõe que se leiam as contradições, o escândalo da vida no nó do sem-sentido, que é real, e contraditoriamente sentido. Que leitura essa criança faz do mundo e que leitura fazemos dela, de nós e da sociedade em que vivemos? Por que essa criança não foi chamada/recrutada/interpelada a ser uma vencedora?

Quando transitamos por discursos outros, nos fios ideológicos da linguagem, e buscamos as relações sócio-históricas que sustentam os seus andaimes, as contradições se revelam, pois, como vimos, o imperativo *seja um vencedor* interpela apenas os potencialmente já-vencedores. A contradição está no acontecimento, essa criança resiste, ela pede por escrito sem mesmo saber ler nem escrever, sem mesmo ter tido oportunidade de ir à escola<sup>5</sup>. Usa das letras, para pedir dinheiro, atenção, para fazer-se ouvida, lida, interpretada. Ela, por sua existência real e por seu gesto, exige que atribuamos sentidos, fazendo uma leitura radical que desvele o engano daqueles que pensam que nesta sociedade de livre concorrência e de livres iniciativas a vitória é uma conquista individual e que poderá ser garantida pela educação. A educação é hoje um lugar de negócios, do lucro. E como esse lugar é espaço de alguns poucos, o conhecimento historicamente produzido também é diferenciador, pois sua distribuição é calculada e, sobretudo, como acabamos de ver, discursivamente diferenciada. A contradição nos toma e nos arrebatada e se mostra diariamente, ela é real. Fazendo eco ao que disse Pêcheux (2002), não encontramos o real como num cálculo das ciências matemática ou física ao se resolver uma equação; na verdade, quando tratamos de real sócio-histórico nos deparamos com ele. Por isso, voltemos a repetir: todos os dias nos deparamos com **Pequenas Marizas** nas avenidas, nos restaurantes ... e esta escrita precisa ser lida.

No *slogan* da escola “**seja um vencedor**”, em contraposição com a mendicância da criança pedindo por escrito sem mesmo saber ler nem escrever em uma sociedade que diz valorizar os sujeitos humanos e as letras, reluzem sentidos em confronto naquilo que parecia opaco. Nesse ponto do real, esta criança resiste e assina seu pedido/solicitação “**por favor me ajude**” como **Pequena**

---

<sup>5</sup> Quando lhe foi perguntada se sabia ler, a Pequena Mariza respondeu de modo afirmativo; no entanto, ela mesma, em seguida, revelou que não sabia nem ler nem escrever e que também não freqüentava nenhuma escola.

**Mariza**, escrito em maiúsculas, inscrevendo-se enquanto sujeito. Diante desse real, não podemos tomar essa escrita como exemplo de discurso em simples funcionamento, mas sim de constatação do real histórico que vivenciamos, pois nos deparamos com uma escrita que ocupa/invade o espaço, exigindo leitura e produção de sentidos que desvelem **radicalmente** o funcionamento do discurso nas práticas materiais, ou seja, que revelem sua constituição no real sócio-histórico e, também, seu efeito de retorno constituindo e atuando nas contradições desse próprio real.

Espero com essa reflexão ter alcançado, ao menos, alguns pilares dessa construção e apontado fissuras. Sei que o trabalho não foi finalizado e que a aventura continua a seguir seu percurso, pois é preciso tornar as contradições discursivas visíveis, já que elas são **impiedosas** e, mais que isso, tomá-las no seu efetivo lugar, ou seja, nos conflitos histórico-sociais<sup>6</sup>. Esquecer que há um real no discurso e, principalmente, esquecer que ele pode ser objetivamente alcançado talvez seja fruto das decepções que vivenciamos nesse começo de século com as “vitórias” das relações capitalista. Mas é nesta mesma sociedade que podemos ver que o discurso não se entifica por si mesmo, não se desgarra de suas bases históricas; mesmo parecendo se sobrepor aos sujeitos, ele não os domina por completo, pois os próprios sujeitos resistem e, se ainda não perceberam com clareza, perceberão, cedo ou tarde, que o discurso, por mais eficácia que tenha, não é capaz de criar o mundo por si mesmo, já que **não mata a fome nem sacia a sede**.

Quando buscamos as contradições do discurso nele e por ele mesmo, estamos legitimando as formas de ser da sociedade capitalista. Aí erramos o alvo — e de sujeitos construtores da nossa própria história, passamos a meros suportes do discurso. Se continuarmos a ser apenas *cidadãos*, *nesta história não poderemos entrar* nem atuar, e, assim, o edifício do sistema capitalista continuará intacto, pois velamos o real da história e ficamos cegos diante de nossas próprias práticas, ou seja, ficamos cegos aos processos sociais que sustentam os discursos e, por fim, ficamos incapacitados de superar estas contradições. Então, sem percebermos a tragédia, declaramos a derrota e morte do **sujeito** em proveito da **impiedosa** vivacidade/ferocidade do **discurso**.

---

<sup>6</sup> Pêcheux, em *Semântica e discurso*, (p.209), destaca que as tomadas de posição pela objetividade se dão sempre de ponto de vista de classes “enquanto tomada de posição em relação ‘ao que é’”. Nesse sentido, o ponto de vista do proletariado “é enquanto ponto de vista de classe que ele é objetivo, e isso ao longo de toda a história”.